

MOKO DA BANANEIRA, UMA NOVA DOENÇA EM PERÍMETROS IRRIGADOS DO NORDESTE BRASILEIRO. A.R. Peixoto^{1,2}, S.C.C. de H. Tavares^{1,3}, L.R. Amorim^{1,4} (¹ EMBRAPA-CPATSA, Cx. Postal 23, 56300-000, Petrolina-PE, ²Bolsista DCR -CNPq., ³ Pesquisador MS, ⁴ Auxiliar de pesquisa) Banana Moko, a new disease in irrigated perimeters in the Brazilian Northeast.

Observou-se em plantios comerciais de bananeiras, cultivar "Pacovan", nos perímetros irrigados dos municípios de Petrolina e Santa Maria da Boa Vista, PE, bem como nos de Casa Nova e Sento Sé, BA, os sintomas de distorções foliares, amarelecimento e descoloração vascular, na parte interna do pseudocaule. Com a finalidade de estudar o agente causal da doença, procedeu-se a isolamentos do material infectado e posterior repicagem de um isolado bacteriano obtido, para meio diferencial de Tetrazolium (TZA). Detectou-se, após 36 horas, o aparecimento de colônias bacterianas irregulares, fluidas, brancas e com o centro róseo, coincidindo com as características culturais de *Pseudomonas solanacearum*. Para testar a patogenicidade desta bactéria, preparou-se suspensões com $4,5 \times 10^8$ ufc/ml de três isolados bacterianos, sendo dois procedentes de Petrolina (NC1 e NC2) e um de Santa Maria da Boa Vista (SMV), os quais foram inoculados em bananeiras "Pacovan" com dois meses de idade, plantadas em solo esterilizado, em sacos plásticos de 10 kg, mantidas em condições de casa-de-vegetação. As inoculações foram efetuadas por duas metodologias distintas: 10 ml da suspensão aplicados na base das plantas, por meio de seringas hipodérmicas esterilizadas, de 20 ml; e por infestação do solo, ao redor das raízes, com 100 ml de suspensão. As testemunhas foram igualmente tratadas com água destilada e esterilizada. Cada tratamento teve três repetições, com uma planta para cada repetição. As avaliações foram realizadas aos 15, 22 e 45 dias após a inoculação, onde observou-se a reprodução dos sintomas para dois dos isolados testados (NC1 e SMV), nas duas metodologias utilizadas, bem como procedeu-se ao reisolamento do patógeno em meio TZA, confirmando ser *Pseudomonas solanacearum* o agente causal da referida doença, constituindo-se, portanto, no primeiro registro comprovado em perímetros irrigados do nordeste brasileiro.